

## ANÁLISE ESTRUTURAL-DIFERENCIAL DAS MICRORREGIÕES DE TOCANTINS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Cíntia Santos Silva<sup>1</sup>  
Nilton Marques de Oliveira<sup>2</sup>  
Lucir Reinaldo Alves<sup>3</sup>

### Área de Submissão: 3 - Localização e concentração das atividades econômicas

**Resumo:** Esse artigo analisa os componentes das mudanças espaciais na economia regional do Estado do Tocantins no início do século XXI. A variável base utilizada foi o emprego formal, extraído da RAIS para as oito microrregiões, no período de 2000, 2008 e 2017. Esta análise contribui para a compreensão das desigualdades regionais tocantinenses no tempo e no espaço. O método utilizado foi o *shift-share*. Os principais resultados sugerem que houve transformações na estrutura do mercado de trabalho do Tocantins apresentando variações superiores ao do Brasil. As microrregiões do Jalapão, Bico do Papagaio e de Porto Nacional apresentaram melhores desempenho na geração de novos empregos. Observou-se crescimento de alguns setores, como o comércio varejista e a agricultura na maioria das microrregiões que tiveram um desempenho maior que a média do estado e, portanto, caracterizando-as como mais dinâmicas.

**Palavras-chave:** Economia regional; Geoeconomia; Tocantins; Método *Shift-Share*

**Abstract:** This article analyzes the components of spatial changes in the regional economy of the Tocantins State in the beginning of the 21st century. The base variable used was formal employment, collected from RAIS for the eight micro-regions, in the period of 2000, 2008 and 2017. This analysis contributes to the understanding of Tocantins' regional inequalities in time and space. We used the shift-share method. The main results suggest that there were changes in the structure of the labor market in Tocantins, showing variations higher than in Brazil. The microregions of Jalapão, Bico do Papagaio and Porto Nacional performed better in generating new jobs. There was growth in some sectors, such as retail trade and agriculture in most micro-regions that performed better than the state average and, therefore, characterized them as more dynamic.

**Keywords:** Regional economy; Geoeconomics; Tocantins; Shift-Share Method.

**Classificação JEL:** O17, O18, R11.

---

<sup>1</sup> Economista. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista Fundação Araucária/CNPq. E-mail: cinthiasantos82@gmail.com

<sup>2</sup> Economista. Doutor Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PGDR) Da Universidade Federal de Tocantins (UFT). Líder do Grupo de pesquisa em Desenvolvimento Regional e Territorial do Centro Norte do Brasil - DRT Centro Norte (CNPq/UFT). E-mail: niltonmarques@uft.edu.br

<sup>3</sup> Economista. Doutor em Geografia pela Universidade de Lisboa (UL). Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Pesquisador do Grupo de Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (GEPEC). E-mail: lucir.alves@unioeste.br

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento regional constitui um processo de transformação social, econômico, cultural e político. Estudos centrados nas mudanças espaciais e suas implicações na localização das atividades produtivas são necessários para analisar as desigualdades regionais. Assim sendo, este artigo tem por objetivo analisar os componentes das mudanças espaciais na economia regional das microrregiões do Tocantins no início do século XXI. O período de análise são os anos de 2000, 2008 e 2017. A questão que norteia este trabalho é: Quais são os componentes das mudanças espaciais que fortalecem ou retardam o processo de crescimento econômico nas microrregiões?

A escolha do Estado do Tocantins e suas microrregiões como objeto de análise se deve as suas características de ocupação, exploração e desenvolvimento econômico do espaço regional. Apesar do Estado do Tocantins ter sido criado em 05 de outubro de 1988, sua ocupação inicial se deu em meados do século XVII. Isso permite uma análise comparativa entre suas microrregiões. Além disso, estudos recentes apontam que o Tocantins avança com disparidades econômicas regionais bem expressivas, ou seja, o desenvolvimento econômico não se reproduz da mesma forma no seu interior (OLIVEIRA e PIFFER, 2016; 2018). Observa-se que a economia do Tocantins se mostra desigual no tempo e no espaço, enquanto algumas microrregiões se desenvolvem, outras se mantêm com baixo dinamismo.

O Estado do Tocantins possui uma área de 277.620,9 Km<sup>2</sup>, participa com 7% em relação à área da região Norte (3.869.637) e 3,3% do território nacional, sendo Palmas a capital. Limita-se ao norte com os Estados do Maranhão e do Pará; ao sul com o Estado de Goiás; ao leste com os Estados do Maranhão, do Piauí e da Bahia; e ao oeste com os Estados do Pará e do Mato Grosso. Em território tocantinense, as distâncias máximas são de 899,5 km na direção norte-sul, e entre os pontos extremos leste-oeste são 615,4 km. Sua população estimada em 2019 foi de 1,6 milhões de pessoas, um aumento de 12% em relação ao censo de 2010, com 80% vivendo na zona urbana e 20% na rural, com densidade demográfica de 4,98 hab/km<sup>2</sup>, representando 8,3% da população Norte e apenas 0,8 do total do País (IBGE, 2019).

Alguns estudos têm sido feitos usando o método diferencial-estrutural (*shift-share*) entre os quais citam-se: Pitilin; Piacenti e Alves (2019), analisaram a dinâmica e os comportamentos locais no Estado do Paraná; Sousa e Hasegawa (2019), utilizaram o método para a Região Metropolitana de Curitiba, classificando e categorizando os municípios de acordo com a capacidade de ativação social, apontando quais os indicadores que mais contribuíram, ou não, para o desenvolvimento; Ferrera de Lima (2019), analisou os componentes das mudanças espaciais na economia regional do Estado do Paraná no final do século XX.

Isto posto, este artigo está dividido em cinco partes, sendo a primeira a introdução, a seguir se apresenta uma breve revisão sobre o componente local e estrutural. A terceira apresenta a metodologia. Na quarta discute-se os principais resultados da pesquisa e por fim as considerações finais resumem o artigo.

## 2. COMPONENTE LOCAL E ESTRUTURAL

Segundo Baudelle (2003) a componente diferencial são as condições de cada região, por exemplo, as vantagens comparativas (condições geográficas, clima, vegetação, modalidade de transporte, mão de obra qualificada, recursos naturais e capital social) que a distingue uma das outras. Essas vantagens estimulam a atratividade regional, o que a torna mais receptiva para a localização das atividades produtivas são estímulos ao desenvolvimento regional e, ao contrário, sua ausência, retardam o processo. A lógica da componente local é que as regiões não possuem as mesmas condições de produção, apesar de apresentarem características geográficas similares. Nesse caso, o capital humano e social tornam-se elementos diferenciais.

Já a componente estrutural está ligada aos setores de forte crescimento nas regiões. Esses setores não só se beneficiam de fatores locais, mas da dinâmica da economia nacional. Esta dinâmica, por vezes, se deve ao impulso inicial na economia, integrando-a na dinâmica da economia nacional, tornando-as indiferentes a fatores estritamente locais. Neste caso, as economias de aglomeração são mais atraentes nessas regiões, o que as tornam receptoras em potencial de novos investimentos (FERRERA DE LIMA, 2019).

Ferrera de Lima (2003), diz que as aglomerações urbanas são os principais centros produtivos, que geram uma dependência das regiões menos dinâmicas, impulsionando-as à dinâmica de produção. Assim, o desenvolvimento regional é um processo que reflete o grau de melhoria, qualidade de vida da população e sua instrução. O processo de desenvolvimento regional pode ocorrer de forma espontânea ou induzida, por elementos exógenos (externos) ou endógenos (internos) da região. Elementos endógenos pressupõe o protagonismo dos atores locais, interagindo em laços de cooperação territorial que constituem o capital social, pesquisa e desenvolvimento e capital humano (PIACENTI, 2012).

As regiões que dinamizam a componente estrutural, reestruturaram sua especialização produtiva e suas instituições para se tornarem mais receptivas. Nesse caso, a reestruturação ocorre no movimento histórico das economias regionais (NORTH, 1990). Esse movimento determina os lugares receptores ou emissores de investimentos. Algumas regiões têm o perfil de fornecedoras e outras de compradoras e transformadores dos insumos. A produção na região periférica é dependente da estrutura produtiva das regiões polos. Dessa forma, a periferia se associa à dinâmica do polo no processo de ocupação e expansão territorial. Os polos se especializam em setores de forte crescimento, ou seja, dinamizado por componentes estruturais; as periferias são mais estruturadas em fatores locais, especialmente na exploração dos seus recursos naturais. O processo de crescimento econômico do Tocantins, por exemplo, demonstra as ligações entre as regiões polos (Palmas, Araguaína e Gurupi) com as regiões periféricas (FURTADO, 2001; ANDRADE 2004; FERRERA DE LIMA, 2019; OLIVEIRA, 2019).

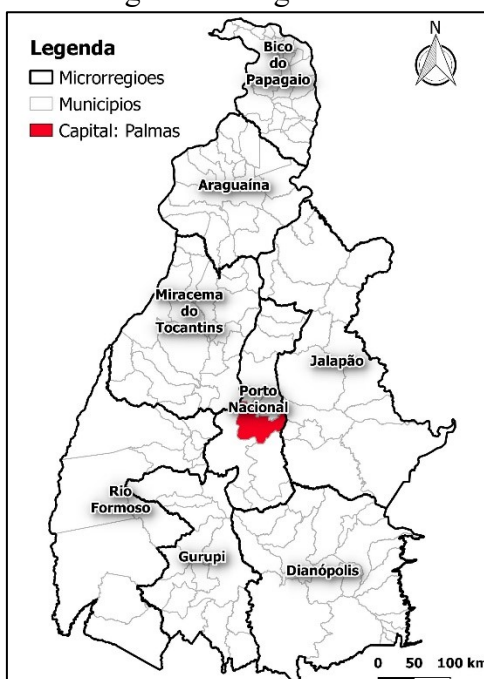
Segundo Ferrera de Lima (2003) o fator central dos componentes geográficos ou diferenciais está nas características diferenciais do espaço que atraem mais produção, emprego, mão de obra e investimento, sejam essas características físicas ou não. Nem sempre a geografia ajuda, há casos onde a população é quem cria vantagens comparativas e competitivas em relação a outras regiões a partir de seu “potencial criativo” e “diferencial inovador”. Estas características também estão ligadas as condições de gerar conhecimento e de fortalecer associações dos atores locais, o que atrai investimento. Os componentes estruturais estão ligados a fatores históricos ou exógenos que impactam nas regiões. Em casos de regiões que se desenvolvem independente dos fatores locais ou diferenciais, elas se movem de acordo com as transformações dos polos, a fim de prestar suporte ao dinamismo do centro. Outros fatores que estimulam o crescimento das regiões periféricas são políticos e outras imposições do governo. Ou seja, as principais características dos componentes estruturais se relacionam com agentes externos (FERRERA DE LIMA, 2003; 2019).

### 3 METODOLOGIA

Este artigo utilizou o emprego como variável base, coletada da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A escolha se deu porque se pressupõe que os ramos de atividades mais dinâmicos empregam mais mão de obra no decorrer do tempo. Assim, a ocupação da mão de obra tem reflexo na renda regional, o que estimula o consumo e, conseqüentemente, a dinâmica da região. O período de análise são os anos de 2000, 2008 e 2017. O Tocantins é formado por 8 microrregiões (Figura 1). Foi utilizado o método estrutural-diferencial (*shift-share*) para verificar quais foram os fatores, endógenos

ou exógenos, responsáveis pelas transformações estruturais das microrregiões tocantinenses no período estudado.

Figura 1 – Microrregiões homogêneas de Tocantins - 2019



Fonte: Elaboração do autor a partir de IBGE (2020).

O método estrutural-diferencial (*shift-share*) divide a variação no emprego de um determinado setor em três componentes: a componente macrorregional; a componente setorial ou proporcional; e a componente diferencial ou regional, conforme sintetiza Alves (2012) com adaptações metodológicas de Rodrigues *et al.* (2018). Três premissas básicas permeiam este modelo, quais sejam: a) O crescimento do emprego é definido primeiramente no plano “macrorregional”, neste caso a Região Norte do Brasil como um todo, a região de referência neste estudo; b) O crescimento do emprego é maior em alguns setores, ou seja, os setores dinâmicos, do que em outros, os setores tradicionais, consolidados e de pouca capacidade inovativo-dinâmica. As microrregiões cuja estrutura produtiva se assenta nos setores dinâmicos tendem a apresentar um dinamismo superior à média macrorregional; c) Apesar da composição da estrutura produtiva, fatores de caráter especificamente microrregional – economias de aglomeração, cultura empresarial regional, políticas econômicas eficientes dos governos regionais, podem interferir na dinâmica da microrregião; de sorte que mesmo microrregiões com uma estrutura produtiva “promissora” (assentada em setores dinâmicos) podem apresentar performances inferiores a de microrregiões de estrutura menos dinâmicas, mas que exploram, de forma mais produtiva, suas vantagens diferenciais/competitivas. Dessa forma, a variação absoluta ( $V$ ) do emprego total entre os períodos analisados – inicial (0) e final (1) – para uma microrregião  $j$ , será decomposta em três componentes.

$$V_{ij} = E_{ij}^1 - E_{ij}^0 = R + P + D \quad (1)$$

Em que:  $V_{ij}$  = Variação absoluta do emprego do setor  $i$  na microrregião  $j$  no período analisado;  $E_{ij}^0$  = Total de empregos do setor  $i$  na microrregião  $j$  no ano inicial;  $E_{ij}^1$  = Total de empregos do setor  $i$  na microrregião  $j$  no ano final;  $R$  = Variação Regional;  $P$  = Variação Proporcional (ou estrutural);  $D$  = Variação Diferencial.

A componente (ou variação) macrorregional (R) é quanto teria variado o número de empregos no setor  $i$  qualquer, se o mesmo tivesse crescido à taxa média do macrossetor de referência na macrorregião de referência, conforme mostra a equação 2.

$$R = \sum_i^{T0} E_{ij} (r_{it} - 1), \text{ em que: } r_{it} = E_{it}^{T1} / E_{it}^{T0} \quad (2)$$

O componente setorial, ou proporcional (P), é a diferença entre a variação do setor específico na macrorregião de referência e a variação agregada da mesma macrorregião. O somatório destas diferenças vai esclarecer se a estrutura produtiva inicial da microrregião sob análise – vale dizer: se sua especialização setorial inicial – favoreceu (valores positivos) ou prejudicou (valores negativos) o desempenho de sua economia.

$$P = \sum_i^{T0} E_{ij} (r_{it} - r_{it}), \text{ em que: } r_{it} = \sum_j^{T1} E_{ij} / \sum_j^{T0} E_{ij} \quad (3)$$

Finalmente, a componente diferencial (D) informa a diferença entre a taxa de variação efetiva de cada setor em cada microrregião e a taxa de variação média de cada setor na macrorregião de referência. Ela informa se a microrregião cresceu mais (ou menos) do que a média macrorregional em cada setor, indicando se a microrregião tem vantagens competitivas (ou diferenciais) no setor em consideração e em que segmentos se apresentam estas vantagens.

$$D = \sum_i^{T0} E_{ij} (r_{ij} - r_{it}), \text{ em que: } r_{ij} = E_{ij}^{T1} / E_{ij}^{T0} \quad (4)$$

Assim, ao estabelecer diferentes componentes (regional, estrutural e diferencial), este método permite identificar distintos fatores que atuam no crescimento regional. Se forem os componentes estruturais os principais, poder-se-á afirmar que são os fatores exógenos. Da mesma forma, se os principais fatores forem os diferenciais, serão os fatores endógenos os mais importantes para a dinâmica econômica produtiva das microrregiões no período analisado.

Na apresentação dos resultados também serão apresentados o somatório dos componentes setoriais em mapa temático. Um resultado positivo para o somatório indica que o respectivo componente contribuiu para o dinamismo da microrregião no período analisado e vice-versa. A microrregião apresentará ‘P’, se somente o componente P apresentou resultado positivo; ‘D’ se somente tiver apresentado valores positivos para o D; ‘P+D’ se ambos os componentes tiverem sido positivos; e ‘Sem Aprov.’ se ambos os componentes tiverem apresentado valores negativos, ou seja, não houve aproveitamento dos componentes proporcional e diferencial no período analisado.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção apresentam-se os resultados do indicador de análise do crescimento econômico regional, o método *shift-share*, para os períodos de 2000/2008 e 2008/2017. Inicialmente a Tabela 1 demonstra o emprego formal e a variação entre 2000 e 2017.

Nota-se que todas as espacialidades apresentaram variações positivas. Tanto o Norte como Tocantins apresentaram variações superiores ao Brasil em todos os períodos analisados. Também é possível verificar que o primeiro período, de 2000 a 2008, a variação do emprego absoluto foi maior que no segundo período, em todas as regiões. Com relação as microrregiões tocantinenses, o maior destaque em relação a variação relativa ficou para o Jalapão no primeiro período, que obteve um crescimento de 440,8% no número de empregos formais, no ano de 2000 contava com 730 empregos formais e em 2008 passou a ter 7.919. Já, no segundo período a maior variação relativa entre as microrregiões foi a de Bico do Papagaio, com 44,6% e 4.933 mais empregos. Para o período todo, foi Jalapão quem mais se destacou com uma variação relativa de 591% e Porto Nacional com variação absoluta de 88.792 empregos.

**Tabela 1** – Total de empregos no Brasil, região Norte, Tocantins e microrregiões 2000/2017

BR-Norte-TO-Micros	2000	2008	2017	Var% 00/08	Var% 08/17	Var% 00/17
Brasil	26.228.629	39.441.566	46.281.590	50,4	17,3	76,5
Região Norte	1.094.347	2.080.009	2.641.623	90,1	27,0	141,4
<b>Tocantins</b>	<b>106.040</b>	<b>213.125</b>	<b>281.474</b>	<b>101,0</b>	<b>32,1</b>	<b>165,4</b>
Bico do papagaio	3.053	11.049	15.982	261,9*	44,6*	423,5*
Araguaína	13.719	33.626	45.707	145,1*	35,9*	233,2*
Miracema do Tocantins	9.966	13.433	15.245	34,8**	13,5**	53,0**
Rio formoso	6.829	12.629	17.796	84,9**	40,9*	160,6*
Gurupi	9.415	18.194	22.280	93,2*	22,5**	136,6**
Porto Nacional	60.083	112.327	148.875	87,0**	32,5*	147,8*
Jalapão	730	3.948	5.044	440,8*	27,8*	591,0*
Dianópolis	2.245	7.919	10.545	252,7*	33,2*	369,7*

Notas: \*Microrregiões com variação superior a variação da Reg. Norte e consideradas dinâmicas no período analisado;  
\*\*Microrregiões com variação relativa menor que a variação da Reg. Norte e consideradas não dinâmicas no período.

Fonte: RAIS (2020).

A seguir, apresentam-se as análises microrregiões para os resultados do *Shift-Share*.

#### 4.1 BICO DO PAPAGAIO

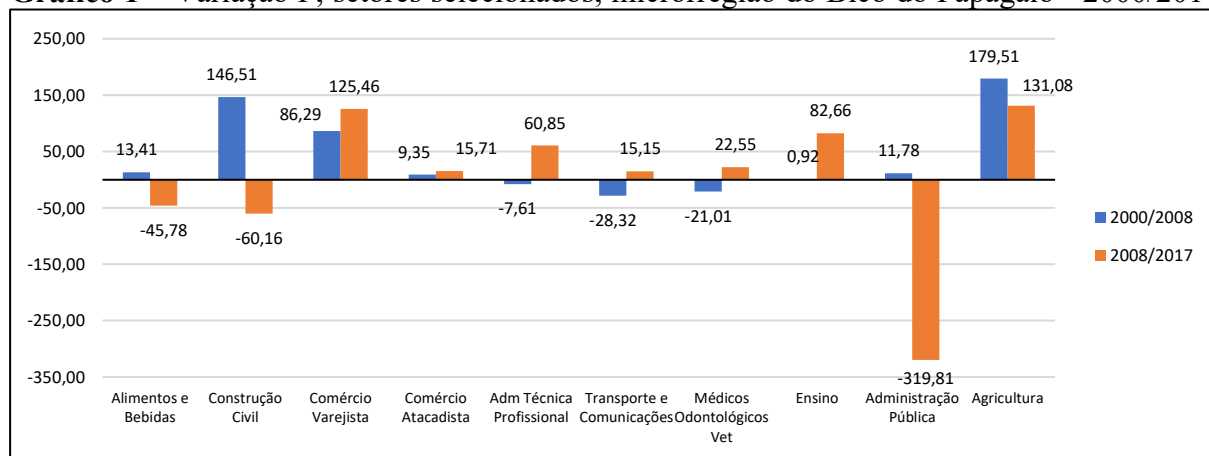
A microrregião do Bico do Papagaio é composta por 25 municípios, possui a maior densidade demográfica do estado de 12,45 hab/km<sup>2</sup>. Esta vem passando por varias transformações sociais e econômicas, tem reduzido sua taxa de pobreza extrema, é a que mais recebe benefícios do Programa Bolsa Família, isto tem gerado pequenos negócios na região, tem impulsionado a movimentação no comercio, serviços, gerando renda e emprego, consequentemente, melhorias nos indicadores sociais (OLIVEIRA; CRESTANI e STRASSBURG, 2014).

Conforme a Tabela 1 e RAIS (2020), no ano de 2000 a microrregião do Bico do Papagaio gerou 3.053 empregos formais, destes 51,52% estavam concentrados na administração pública, e 13,72% na construção civil. Em 2008 a microrregião do Bico do Papagaio formalizou 11.049 empregos, destes, 55,57% na administração pública e 13,31% na agricultura. Já em 2017 a administração pública passou a concentrar 50,07% e o setor agrícola 17,47%. Os empregos formais na administração pública cresceram 409% entre 2000 e 2017, no ano de 2000 a microrregião contava com 1.573 empregos formais, já em 2017 esse valor passou a ser 8.002. Nesse mesmo período a região Norte apresentou um crescimento de 132%, passando de 416.862 no ano de 2000 para 968.787 em 2017. Nota-se uma pequena reestruturação na base produtiva da microrregião do Bico do Papagaio, visto que a administração pública se manteve como principal setor empregador na região.

O Gráfico 1 mostra a variação estrutural para os períodos de 2000/2008 e 2008/2017. Verifica-se diversos comportamentos setoriais: alguns setores que no primeiro período eram setores dinâmicos na macrorregião, diminuíram seu dinamismo passando a apresentar valores negativos no segundo período, como é o caso do setor de construção civil em que no primeiro período apresentava um valor de 146, e no segundo período esse valor passa a ser -60. Esse setor na microrregião seguiu o comportamento macrorregião, perdendo emprego absoluto nesse período (de 419 em 2000 para 224 em 2008). Outro setor que perdeu dinamismo na macrorregião foi a administração pública, e o setor maior empregador microrregional, o que explica o alto valor absoluto negativo apresentado. Deve-se destacar os setores comerciais, de ensino e a agricultura como os setores que mais se beneficiaram de fatores exógenos na geração de emprego na microrregião. Para Oliveira e Lima (2003) os fatores exógenos é uma força

externa instalada por um sistema “centro-abaixo” para desencadear o processo de desenvolvimento, isso pode estar ocorrendo com o setor da agricultura fornecedora de matéria prima para a indústria local, regional, nacional, até mesmo global.

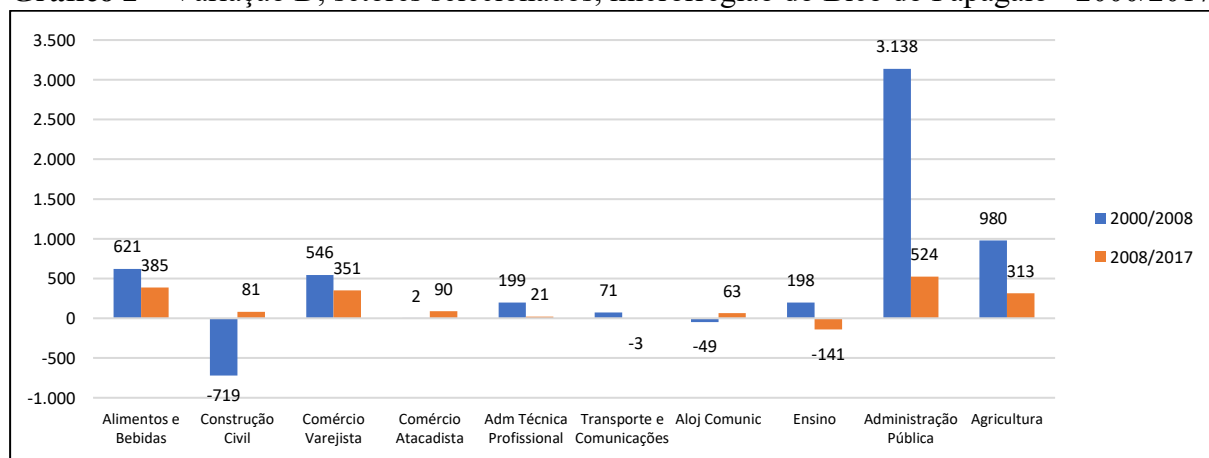
**Gráfico 1 – Variação P, setores selecionados, microrregião do Bico do Papagaio - 2000/2017**



Fonte: Resultados da pesquisa.

A análise da variação diferencial informa o desempenho da microrregião em determinado setor, se foi maior ou menor do que a média do mesmo setor na macrorregião de referência, indicando se o setor possui vantagens competitivas (valores positivos) ou não (valores negativos), ou seja, reflete o componente endógeno. O Gráfico 2 apresenta os resultados dos principais setores da microrregião do Bico do Papagaio e nota-se que no primeiro período (2000 a 2008), a maior parte dos setores apresentaram vantagens competitivas na microrregião, entretanto o setor de construção civil obteve um indicador de -719. Nesse período, o setor apresentou uma queda de -47% no número de empregos formais na microrregião, enquanto a região Norte alcançou um crescimento de 125%. Entre 2008 e 2017 o setor de construção civil apontou uma variação diferencial positiva, ao passo que, no período o número de empregos formais cresceu 36%, e a região de referência 0,14%, demonstrando assim uma vantagem competitiva.

**Gráfico 2 – Variação D, setores selecionados, microrregião do Bico do Papagaio - 2000/2017**



Fonte: Resultados da pesquisa.

Entre 2000 e 2017, o comércio varejista, comércio atacadista, e a agricultura foram setores na microrregião do Bico do Papagaio que atuaram no crescimento regional, ou seja, que

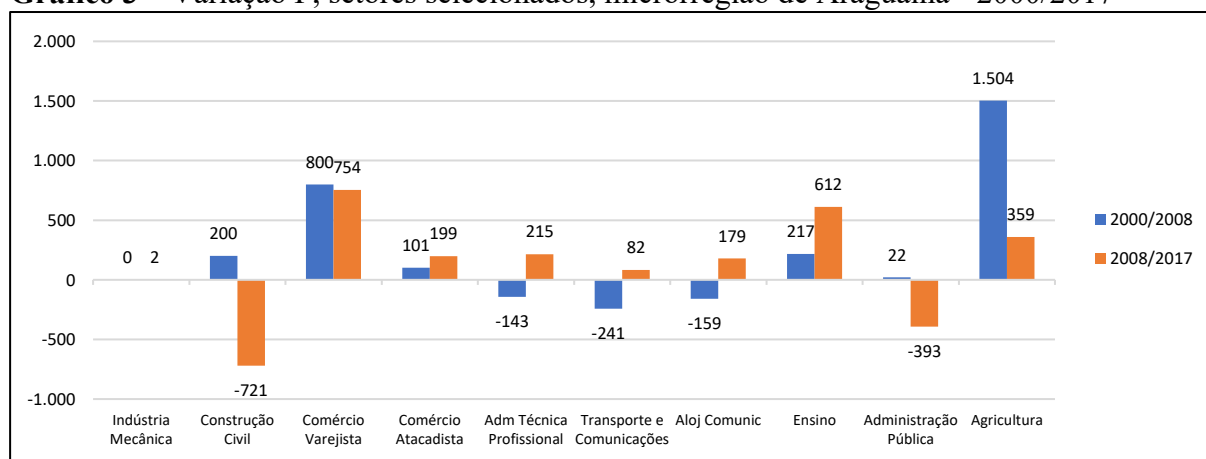
desempenharam um papel positivo no desenvolvimento da região e, obtiveram vantagens competitivas. Os três setores obtiveram um crescimento de 419% no número de empregos formais entre 2000 e 2017, com destaque para a agricultura que em 2000 empregava 164 trabalhadores, e em 2017 passou a empregar 1.471 pessoas. Também deve-se destacar o papel do setor da administração pública e de alimentos e bebidas que aproveitaram suas vantagens diferenciais nos dois períodos sob análise.

## 4.2 ARAGUAÍNA

A microrregião de Araguaína abrange 17 municípios tocantinenses. No ano de 2000 a microrregião formalizou 13.719 empregos, e em 2017 esse número passou a ser 45.707, constatando um crescimento de 233%. O comércio varejista foi setor que mais empregou nos três anos analisados (2000/2008/2017), sendo a única microrregião que não apresentava a administração pública como principal setor na geração de empregos, isso reflete uma dinâmica microrregional diferenciada, com setores desempenhando um papel positivo no desenvolvimento econômico da região. Segundo Sousa e Oliveira (2018) Araguaína é a segunda cidade mais populosa e o segundo PIB do Tocantins, apresenta forte atração de atividades industriais, de transporte e de educação, devido a sua localização estratégica junto às margens da BR 153. É considerada uma cidade polo regional formando redes de bens e serviços no norte do Estado, entre Marabá-PA e Imperatriz-MA.

O Gráfico 3 apresenta os valores das variações estruturais dos principais setores da microrregião de Araguaína, conforme supracitado, observa-se que o comércio varejista, possui nos dois intervalos de análise valores positivos e altos, demonstrando uma capacidade inovativa-dinâmica. A construção civil foi um setor importante para o desempenho da economia entre 2000 e 2008, não obstante, entre 2008 e 2017 esse setor representou um desfavorecimento na economia regional, visto que, o setor apresentou uma perda de 37% no número de empregos entre 2008 e 2017, enquanto a região Norte manteve-se estável.

**Gráfico 3** – Variação P, setores selecionados, microrregião de Araguaína - 2000/2017



Fonte: Resultados da pesquisa.

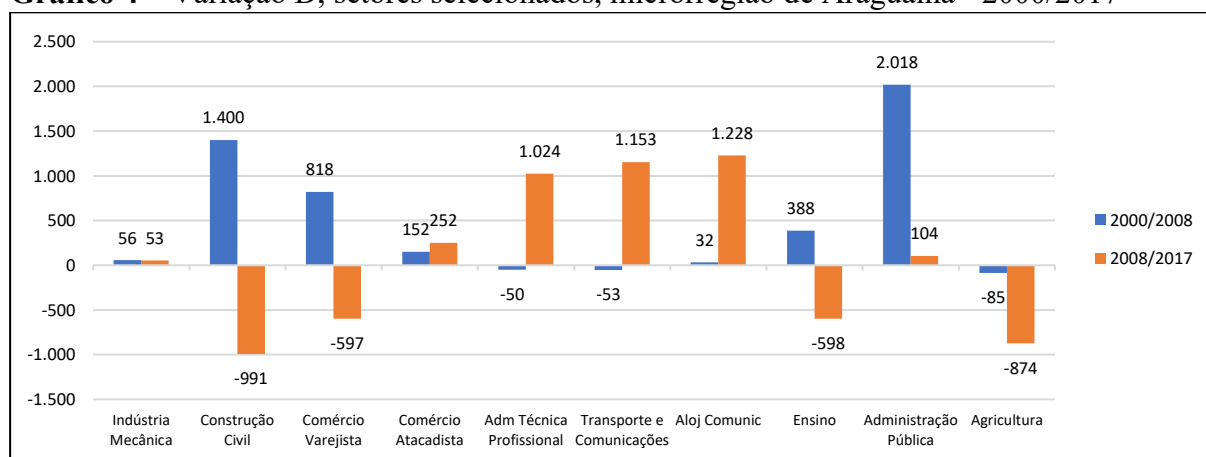
A agricultura é um setor de extrema importância para microrregião de Araguaína, sendo o terceiro setor que mais empregou durante o período. Entre 2000/2008 o número de empregos na agricultura na microrregião cresceu 193%, acompanhando a região de referência que foi de 200%, isso refletiu em uma variação estrutural positiva. Entre 2008 e 2017, o crescimento da empregabilidade do setor passou a ser de 14%, enquanto a região Norte cresceu 36%. O componente estrutural mostra não só se o setor favoreceu a economia, mas também, a



dimensão desse fato. Logo, pode-se afirmar que a agricultura foi o setor que mais favoreceu a economia entre 2000 e 2008 seguido do comércio varejista.

O Gráfico 4, apresenta os valores da variação diferencial dos principais setores da microrregião de Araguaína. Nota-se que no primeiro período a administração pública, a construção civil e o comércio varejista, atingiram os maiores valores na variação, certificando serem setores com vantagens competitivas e diferenciais para o período. No entanto, no segundo período outros setores desempenharam vantagens competitivas na microrregião, que foram: administração técnica profissional, transporte e comunicações, alojamento e comunicação; os setores alcançaram um crescimento de respectivamente 168%, 136% e 108%, enquanto na região Norte os respectivos valores foram de 51%, 34% e 37%, evidenciando assim uma vantagem diferencial dos setores em relação a macrorregião.

**Gráfico 4** – Variação D, setores selecionados, microrregião de Araguaína - 2000/2017



Fonte: Resultados da pesquisa.

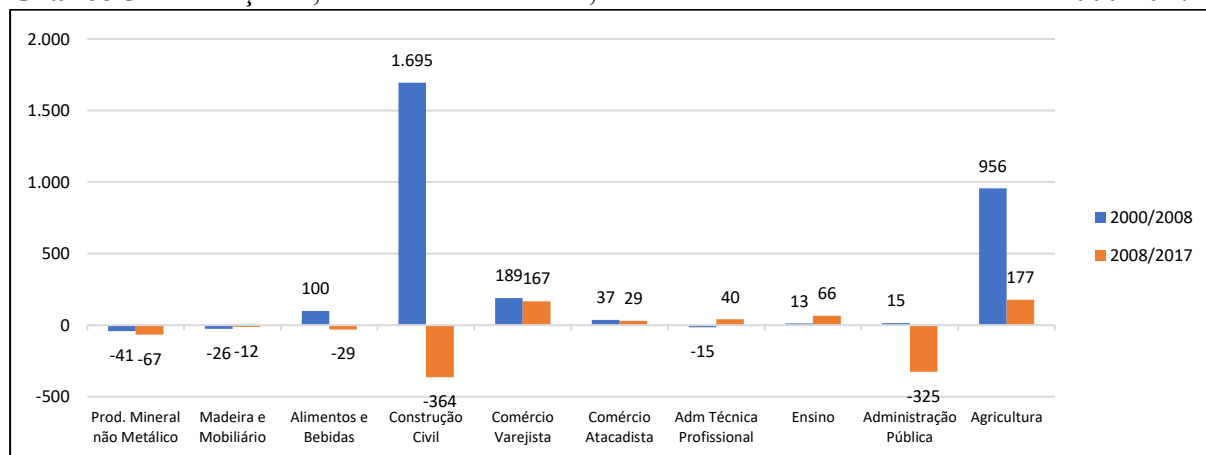
Observando os Gráficos 3 e 4, nota-se que os principais setores que favoreceram o desempenho da economia (variação estrutural positiva), não possuíam vantagens competitivas nos dois períodos analisados. No entanto, a indústria mecânica e o comércio atacadista destacaram-se por favorecer a economia, e portar de vantagens diferenciais na microrregião. A indústria mecânica não apresentou empregos formais em 2000, entretanto em 2008 o setor empregou 57 pessoas, e no ano de 2017 o setor formalizou 128 empregos. O comércio atacadista possuía 334 pessoas empregadas em 2000, já em 2008 esse número passa a ser 888, e no ano de 2017 o setor empregou 1579, formalizando uma capacidade de dinamizar a economia através da geração de empregos.

### 4.3 MIRACEMA DO TOCANTINS

A microrregião de Miracema do Tocantins agrega 24 municípios, e gerou 9.966 empregos formais em 2000. Destes 49% estavam no setor da construção civil. Este percentual se refere à construção da Usina Hidrelétrica de Lajeado (Luís Eduardo Magalhães), no período de construção (1998 a 2001) o município de Miracema do Tocantins, 83% do emprego formal estavam no setor da construção civil (OLIVEIRA, 2019). Já em 2008, a microrregião contava com 13.433, e foi a administração pública que passou a ser o principal setor empregador representando 46% dos empregos formais, e a construção civil somente 10%. Em 2017 a microrregião formalizou 15.245 empregos, em que, 40% estavam no setor público e a construção civil 2%.

O Gráfico 5 apresenta a variação estrutural dos principais setores da microrregião de Miracema do Tocantins e nota-se que no primeiro período a construção civil e a administração pública desempenharam um papel favorável para o desempenho da economia local, no entanto entre 2008/2017 os setores passaram a desfavorecer o crescimento regional. Destaque para o comércio atacadista e a agricultura, que apresentaram valores positivos e significativos entre 2008/2017.

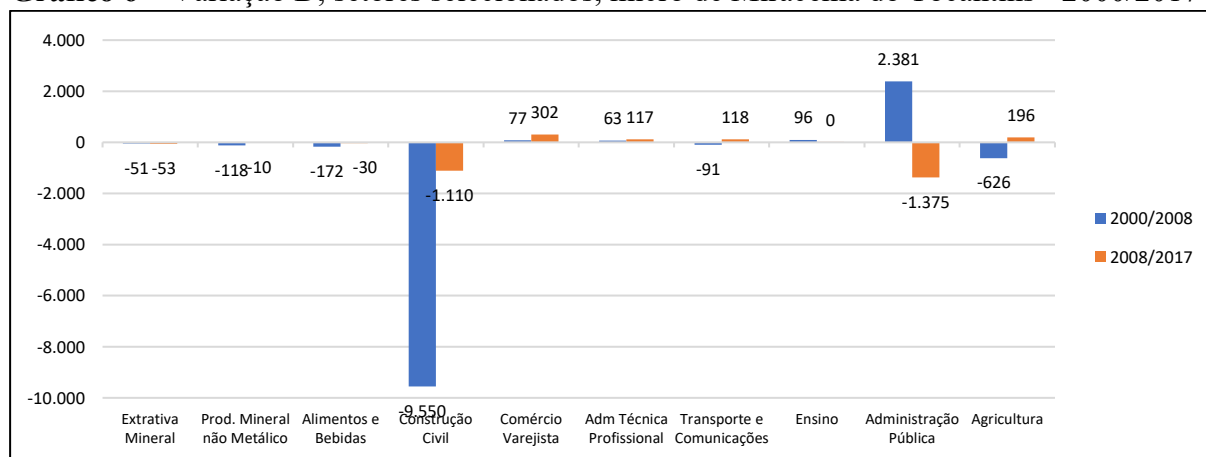
**Gráfico 5 – Variação P, setores selecionados, micro de Miracema do Tocantins - 2000/2017**



Fonte: Resultados da pesquisa.

Na variação diferencial, representada pelo Gráfico 6, observa-se que poucos setores da microrregião de Miracema obtiveram uma vantagem competitiva. O comércio varejista e a administração técnica profissional em ambos os períodos; a administração pública entre 2000/2008 e agricultura entre 2008/2017. A construção civil apesar de apresentar um desempenho favorável para a economia microrregional entre 2000/2008, não formalizou uma vantagem diferencial no contexto macrorregional.

**Gráfico 6 – Variação D, setores selecionados, micro de Miracema do Tocantins - 2000/2017**



Fonte: Resultados da pesquisa.

Os setores que atuaram no crescimento regional e que possuíam uma vantagem competitiva na microrregião de Miracema do Tocantins foram o comércio varejista e o setor de ensino. O comércio varejista apresentou um crescimento no número de empregos entre 2000/2017 de 246%, e o setor de ensino 871% na microrregião, e na região Norte esse

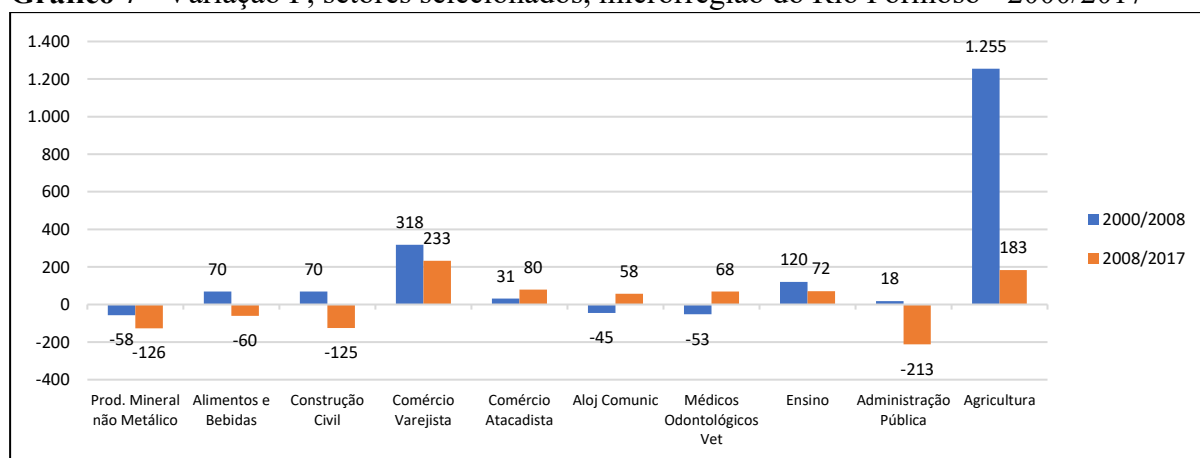
crescimento foi respectivamente de 193% e 296%, demonstrando assim que o crescimento dos setores na microrregião foi acima do crescimento na região de referência.

#### 4.4 RIO FORMOSO

A microrregião de Rio Formoso abrange treze municípios do Tocantins, e apresentou 6.829 empregos formais em 2000, 12.629 no ano de 2008 e no ano de 2017 formalizou 17.796 empregos. A administração pública foi o setor que mais empregou nos três anos analisados, seguido da agricultura e o comércio varejista. Está em seu território a maior ilha fluvial do mundo (Ilha do Bananal) e abarcar os povos indígenas Karajá, Javaés e Avá-Canoeiros, localiza-se, também, o maior projeto de irrigação do Tocantins “Projeto Rio Formoso”, com o objetivo de expandir a fronteira agrícola com o plantio de soja, arroz e melancia. O acesso ao projeto se dá pela BR-242, que se inicia na Belém-Brasília (BR-153), é por meio dessas rodovias que se escoam a produção para as regiões norte e sul do Brasil (OLIVEIRA, *et al* 2018).

O Gráfico 7, apresenta a variação estrutural dos principais setores da microrregião do Rio Formoso. Observa-se que a agricultura foi o principal setor entre 2000/2008, alcançando uma variação estrutural de 1.255. Entre 2008/2017, o setor que obteve a maior variação estrutural foi o comércio varejista, com 233. Esses setores desempenharam um papel positivo no desenvolvimento econômico da região, entretanto setores como construção civil e administração pública que no primeiro período obtiveram valores positivos, desfavoreceram a economia entre 2008/2017.

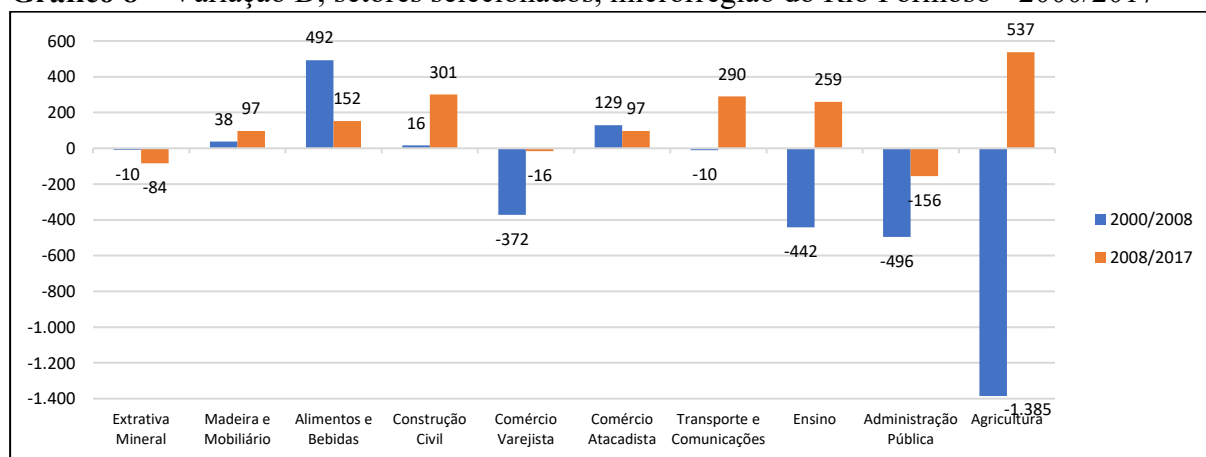
**Gráfico 7 - Variação P, setores selecionados, microrregião do Rio Formoso - 2000/2017**



Fonte: Resultados da pesquisa.

Diferentemente do que aconteceu no coeficiente estrutural, a agricultura não atingiu uma vantagem competitiva entre 2000 e 2008. De acordo com o Gráfico 8 nota-se que a agricultura obteve um coeficiente negativo entre 2000 e 2008, assim como o comércio varejista. Entre 2008 e 2017 a agricultura foi o setor que alcançou o maior coeficiente diferencial na microrregião, demonstrando ser um setor com grandes vantagens competitivas e diferenciais para a região. Também deve-se destacar o desempenho positivo dos setores de madeira e mobiliário e de alimentos e bebidas.

Observando quais setores desempenharam um papel favorável e que possuíam uma vantagem competitiva a nível macrorregional, destaca-se somente o comércio atacadista, em que nos dois períodos e nos dois coeficientes apresentou valores positivos. O setor obteve um crescimento de 246% nos empregos formais entre 2000 e 2017 na microrregião, e na região Norte esse valor foi de 193%, evidenciando ser um setor dinâmico para a economia.

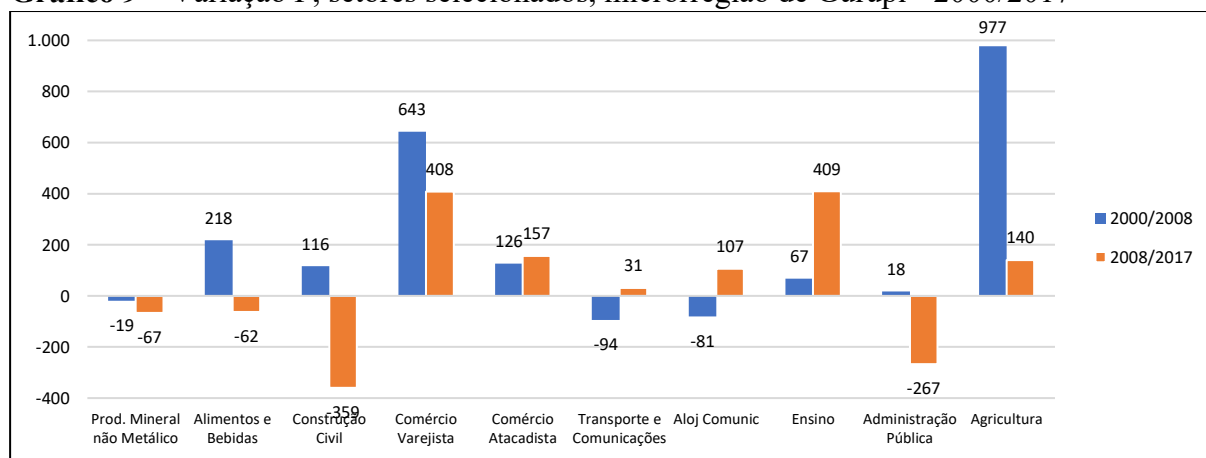
**Gráfico 8 – Variação D, setores selecionados, microrregião do Rio Formoso - 2000/2017**

Fonte: Resultados da pesquisa.

#### 4.5 GURUPI

A microrregião de Gurupi contorna quatorze municípios tocantinenses, esses municípios geraram 9.415 empregos formais em 2000, no ano de 2008 esse valor foi de 18.194, e em 2017 formalizaram 22.280 empregos. Em 2000 o setor que mais empregava era o comércio varejista, já em 2008 e em 2017 a administração pública, representando cerca de 30% dos vínculos formais. O município de Gurupi possui uma população de 85 mil habitantes, destaca-se nas atividades produtivas, principalmente com o Parques Agroindustrial de Gurupi (PAIG) que abrange a instalação de diversas empresas (OLIVEIRA, 2019).

O Gráfico 9 apresenta a variação estrutural da microrregião, nota-se que no primeiro período que grande parte dos setores apresentaram valores positivos, com destaque para agricultura e comércio varejista, que obtiveram valores de 977 e 643, respectivamente. No segundo período da análise, a construção civil desfavoreceu o desenvolvimento da economia, parte desse resultado pode ser explicado pela queda de 47% no número de vínculos formais na construção civil. Entretanto, o setor do ensino, do comércio varejista, do comércio atacadista e agricultura foram os destaques positivos.

**Gráfico 9 – Variação P, setores selecionados, microrregião de Gurupi - 2000/2017**

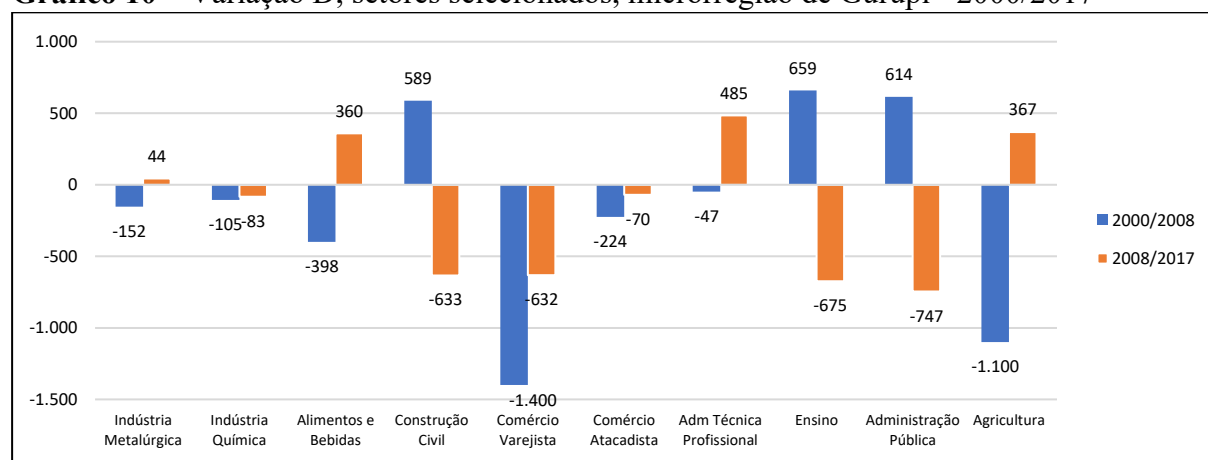
Fonte: Resultados da pesquisa.

Na variação diferencial, entre 2000/2008 apenas 11 dos 25 setores apresentaram valores positivos, e entre 2008/2017 apenas 8 setores obtiveram vantagens competitivas. Dentre

esses setores destacam-se no primeiro período o setor de ensino e a construção civil, que refletiram um crescimento no número de empregos formais de 588% e 302% respectivamente. Nesse mesmo período (2000/2008) os setores na região Norte cresceram respectivamente 136% e 125%. Os dois setores foram importantes para a economia da microrregião no período (2000 a 2008), além de apresentarem vantagens diferenciais, favoreceram a desempenho da economia regional (conforme o gráfico anterior).

Não obstante, entre 2008 e 2017, os setores supracitados (ensino e construção civil), não alcançaram valores positivos. O ensino não apresentou aumento no número de empregos, e a construção civil uma perda de 47%, refletindo os resultados do Gráfico 10. Neste segundo período, os setores em evidência foram a administração técnica profissional e a agricultura, ambos geraram uma vantagem diferencial e competitiva diante da região Norte.

**Gráfico 10** – Variação D, setores selecionados, microrregião de Gurupi - 2000/2017



Fonte: Resultados da pesquisa.

A microrregião de Gurupi não obteve setores que possuíram resultados positivos nos dois períodos analisados e nos dois componentes. No entanto, entre 2000 e 2008 os setores que foram dinâmicos e atuaram no crescimento regional local, foram: material de transporte, indústria de calçados, construção civil, ensino e administração pública. Já entre 2008 e 2017, os setores foram: administração técnica profissional, transporte e comunicações e agricultura. Gurupi fica no limite divisório de águas entre o Rio Araguaia e o Rio Tocantins, às margens da BR-153, o que possibilita maior dinamismo em termos econômicos (OLIVEIRA e PIFFER, 2018). É considerado o terceiro maior município do Tocantins, e, constitui um polo gerador de desenvolvimento na região sul do Tocantins, sendo a pecuária e a agricultura suas principais fontes de renda, associados ao progressivo crescimento do comércio e indústria, que se deu desde os meados de 1954.

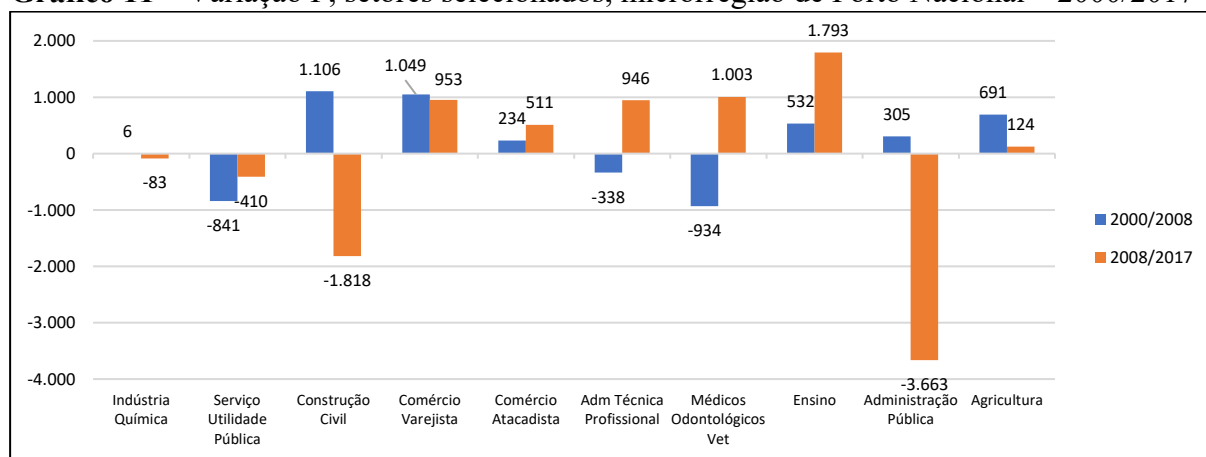
#### 4.6 PORTO NACIONAL

A microrregião de Porto Nacional conta com onze municípios em seu território, possui 420 mil de habitantes (estimativa, IBGE, 2019), Palmas, a capital do Tocantins, encontra-se nessa microrregião com uma população estimada de 299 mil. Os onze municípios geraram 60.083 vínculos formais em 2000, no ano de 2008 esse valor foi de 112.327, e em 2017 formalizou 148.875 empregos. Nota-se que entre 2000 e 2008 a microrregião aumentou 148% o número de vínculos formais. O setor que apresentou o maior crescimento entre o número de empregos foi o da indústria química, que passou de 11 vínculos no ano de 2000, para 1.321 no

ano de 2017, refletindo um crescimento de 11.909%, parte desse aumento pode ser explicado pela implantação de uma indústria química no município de Pedro Afonso.

O Gráfico 11 apresenta a variação estrutural dos principais setores da microrregião de Porto Nacional. Observa-se que grande parte dos setores desempenharam um papel favorável para economia nos dois períodos de análise, no entanto nota-se que o setor de construção civil, assim como já relatado em outras microrregiões, apresentou valores positivos no primeiro intervalo, e valores negativos no segundo período. A administração pública também foi um dos setores que apresentou valores negativos no segundo período, desfavorecendo o desempenho do desenvolvimento da economia. Nessa microrregião, os destaques positivos também foram apresentados pelo setor do ensino, comércio varejista e atacadista e a agricultura.

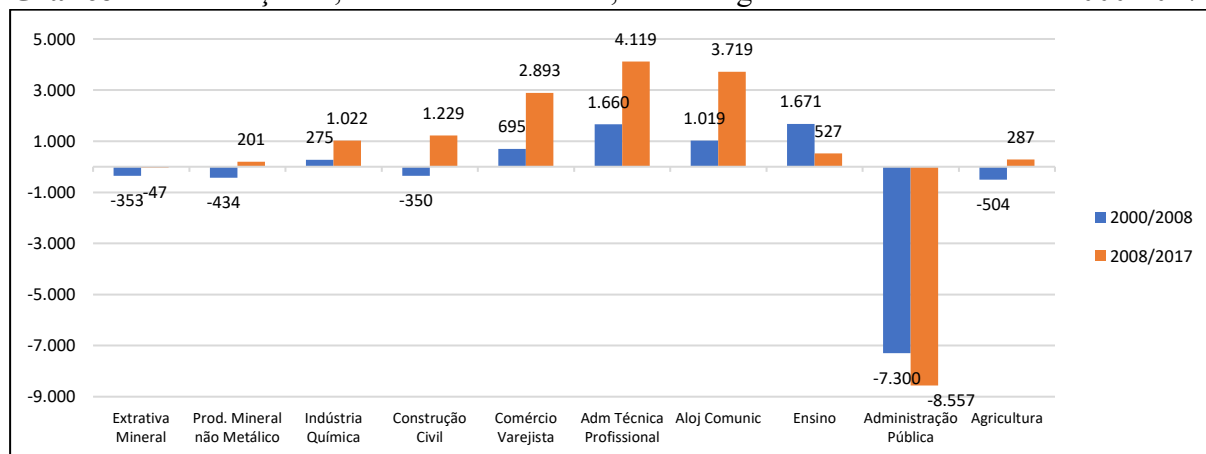
**Gráfico 11** – Variação P, setores selecionados, microrregião de Porto Nacional – 2000/2017



Fonte: Resultados da pesquisa.

Na variação diferencial, representada pelo Gráfico 12, nota-se que a maior parte dos setores apresentaram vantagens competitivas diante da região Norte. Conforme mencionado, a indústria química foi um dos setores que apresentou um dos maiores crescimentos relativos no número de empregos, e se tornou também um setor com vantagens competitivas nos dois períodos analisados. A administração técnica profissional também apresentou valores positivos para a variação diferencial, o setor alcançou um aumento de 647% no número de empregos entre 2000 e 2017, enquanto a região Norte esse crescimento foi de 150%.

**Gráfico 12** – Variação D, setores selecionados, microrregião do Porto Nacional – 2000/2017



Fonte: Resultados da pesquisa.

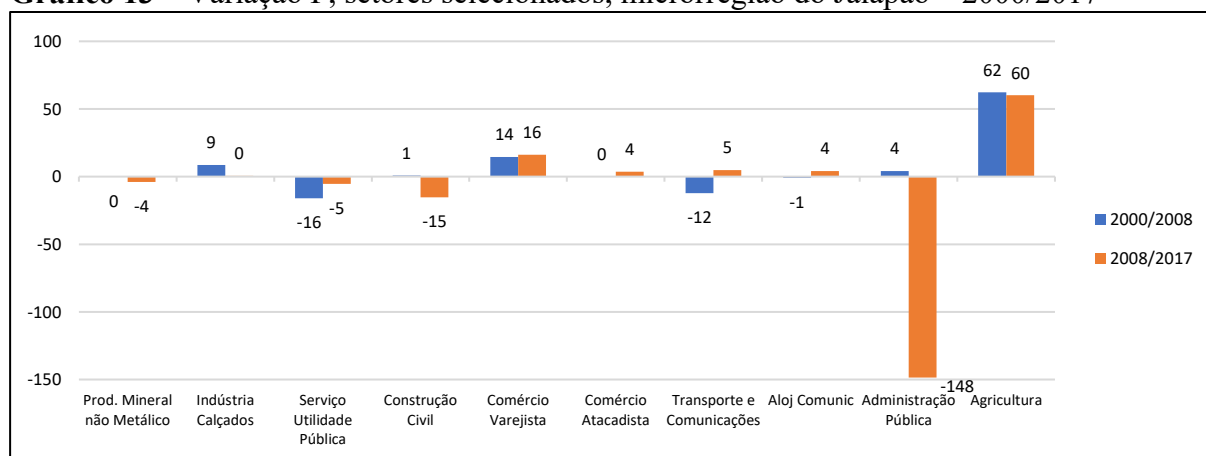
O comércio varejista, comércio atacadista e o setor de ensino, foram os três setores que apresentaram valores positivos tanto da variação estrutural, quanto na variação diferencial nos dois períodos analisados. Os três setores concentravam em 2017 cerca de 20% dos empregos formais na microrregião, e apresentaram um crescimento de 350% no número de empregos entre 2000 e 2017, corroborando com a literatura, por serem setores dinâmicos e que exploram suas vantagens competitivas. Além disso, como nessa microrregião está localizada a capital de Tocantins, sua posição na hierarquia urbana estadual (IBGE, 2008) explica parcialmente a dinamização desses setores.

#### 4.7 JALAPÃO

A microrregião do Jalapão conta com 15 municípios em seu território, foi a microrregião que menos gerou empregos formais nos três anos analisados. Em 2000 a microrregião formalizou 730 empregos, e em 2008 esse número foi de 3.948, já em 2017 a microrregião apresentou 5.044 vínculos formais. A microrregião foi também a que obteve a maior variação percentual em níveis de empregos formais, conforme apresentado na Tabela 1, o Jalapão variou 591% no número de pessoas com empregos formais entre 2000 a 2017.

Os principais setores da microrregião, ou seja, os que mais empregaram, foram a administração pública, seguido da agricultura, os dois setores concentraram 82% dos vínculos no ano de 2000, em 2008 esse valor foi de 89% e em 2017 foi de 83%. Nota-se que há poucas mudanças na estrutura produtiva da região, a economia é concentrada nos dois setores.

**Gráfico 13** – Variação P, setores selecionados, microrregião do Jalapão – 2000/2017



Fonte: Resultados da pesquisa.

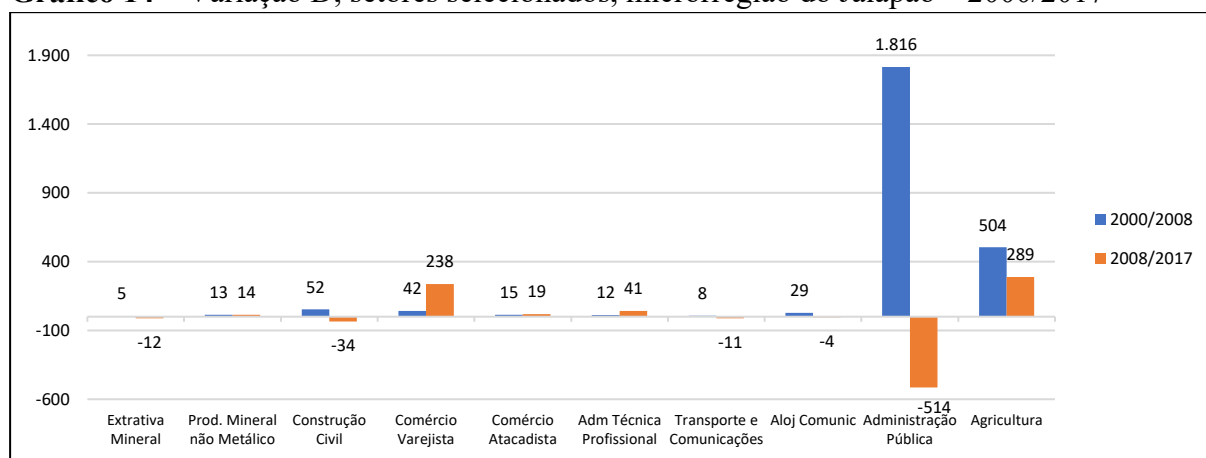
O Gráfico 13, apresenta a variação estrutural dos principais setores na microrregião, nota-se que entre os dois setores supracitados, a agricultura desempenhou um papel favorável no desenvolvimento da economia da microrregião, nos dois períodos analisados, seguido pelo comércio varejista. Observa-se também que a administração pública e a construção civil e o SIUP foram desfavoráveis no segundo período.

O Gráfico 14, formaliza os setores que possuem vantagens competitivas na microrregião, nota-se que a agricultura apresentou valores positivos para os dois períodos. Vários setores também apresentaram valores positivos, mas de baixo valor absoluto, o que mostra o potencial de diversificação produtiva dessa região.

Entre 2000 e 2017 o setor da agricultura apresentou um crescimento de 1.084% no número de vínculos formais, em 2000 o setor empregava 57 trabalhadores, e em 2017 esse número passa a ser 675. O setor também se destaca pelo favorecimento no dinamismo da

economia e a sua vantagem competitiva diante da região de referência. Outro setor que apresentou um dinamismo competitivo e de favorecimento na economia local foi o comércio varejista.

**Gráfico 14** – Variação D, setores selecionados, microrregião do Jalapão – 2000/2017

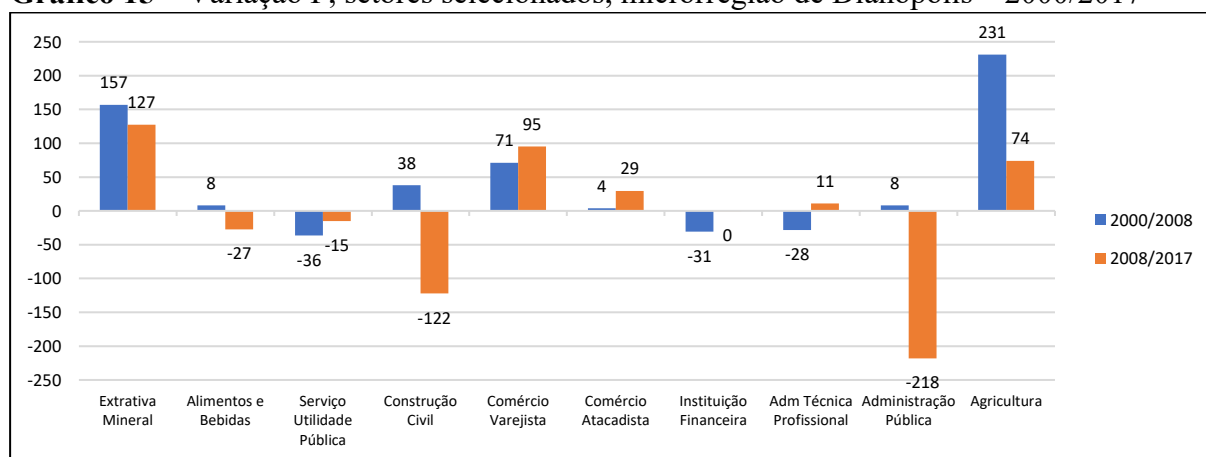


Fonte: Resultados da pesquisa.

#### 4.8 DIANÓPOLIS

A microrregião de Dianópolis abrange 20 municípios do Tocantins, juntos geraram 2.245 empregos em 2000, 7.919 no ano de 2008 e no ano de 2017 esse valor foi de 10.545, evidenciando um crescimento de 370% durante o período. O principal setor da microrregião foi a administração pública, que no ano de 2000, 2008 e 2017 concentrou respectivamente 49%, 53% e 51% dos empregos formais. Assim como em outras microrregiões do Tocantins, a agricultura tem um papel importante no desenvolvimento da sua economia.

**Gráfico 15** – Variação P, setores selecionados, microrregião de Dianópolis – 2000/2017



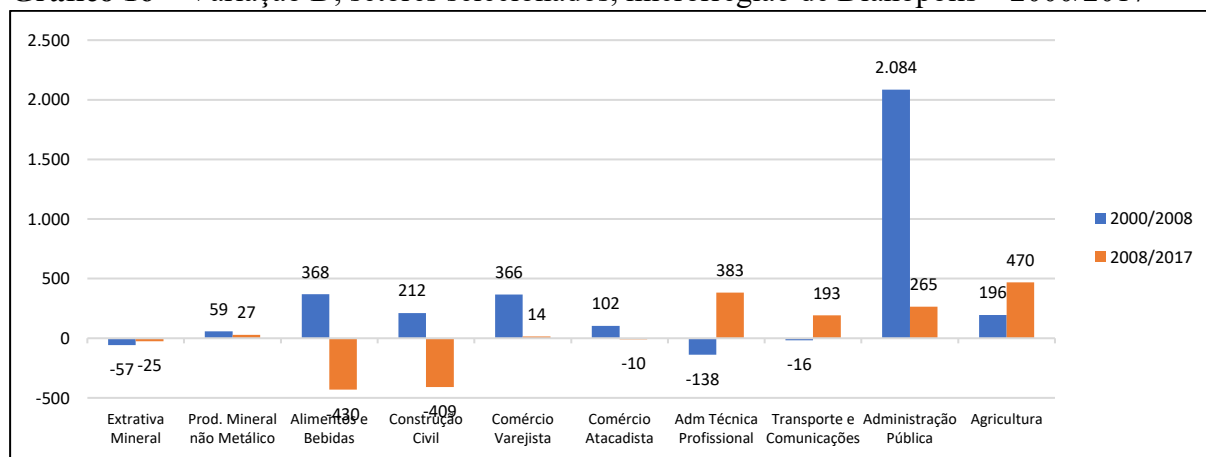
Fonte: Resultados da pesquisa.

O Gráfico 15 apresenta a variação estrutural dos principais setores da microrregião de Dianópolis. Nota-se que a agricultura apresentou valores positivos em ambos os períodos, assim como a extrativa mineral e o comércio varejista, vale dizer que esses setores atuaram de forma positiva no desenvolvimento da economia. Esta área esteve durante décadas à margem do desenvolvimento experimentado pelo Estado de Goiás devido, sobretudo, ao seu isolamento



físico, em relação às áreas daquele estado com maior potencial de crescimento. Com a criação do Estado do Tocantins em 1989 houve o rompimento do isolamento da microrregião, a partir da melhoria parcial da infraestrutura rodoviária, abriu novas perspectivas de desenvolvimento para os municípios do Sudeste do Tocantins, que em sua grande maioria, apresentam baixos níveis de desenvolvimento econômico e social (OLIVEIRA, 2019).

**Gráfico 16** – Variação D, setores selecionados, microrregião de Dianópolis – 2000/2017

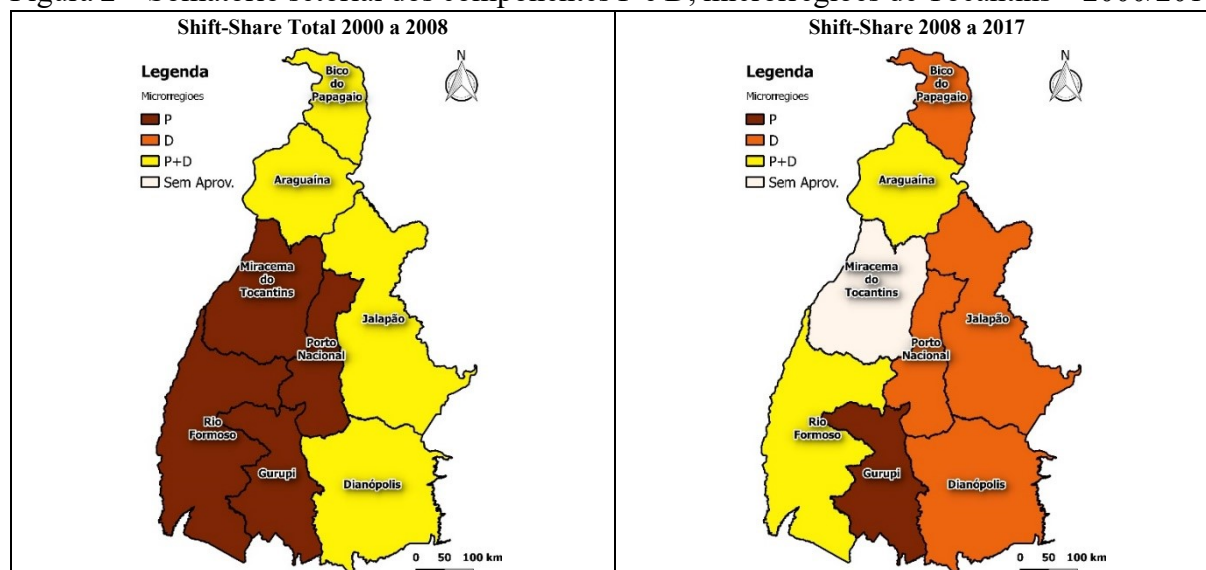


Fonte: Resultados da pesquisa.

O Gráfico 16 demonstra quais setores possuíam vantagens e desvantagens diferenciais na microrregião. Observa-se que a extrativo mineral que atuou como um setor favorável no desempenho da economia, não apresentou vantagens competitivas em ambos os períodos. No entanto o comércio varejista e a agricultura apresentaram valores positivos, podendo afirmar que são setores com dinamismos e que possuem vantagens competitivas na microrregião de Dianópolis. Também deve-se mencionar os valores positivos da administração pública e da indústria de produção mineral não metálica.

Como uma forma de sintetizar os resultados setoriais apresentados pelas oito microrregiões de Tocantins, a Figura 2 apresenta o somatório setorial por período e indicador.

**Figura 2** – Somatório setorial dos componentes P e D, microrregiões de Tocantins – 2000/2017



Fonte: Resultados da Pesquisa

Conforme mostra a Figura 2 é possível verificar que em metade das microrregiões (Bico do Papagaio, Araguaína, Jalapão e Dianópolis) o primeiro período de análise foi muito positivo, pois essas quatro microrregiões aproveitaram as influências exógenas, bem como, suas especificidades microrregiões de forma que ambos os componentes foram positivos. Já, para o restante das microrregiões, foi um período em que o componente proporcional – em que a influência exógena beneficiou a microrregião – foi a mais importante e positiva.

Quando se analisa o segundo período percebe-se um comportamento bastante diferenciado, onde encontra-se quatro grupos de microrregiões: a) esse período foi de maior dinamismo e variação do emprego formal em todas as microrregiões e, por isso, as microrregiões de Bico do Papagaio, Jalapão, Porto Nacional e Dianópolis aproveitaram os seus diferenciais, endógenos, para dinamizar as suas economias; b) em Gurupi foi o componente proporcional, exógeno, que continuou explicando o seu dinamismo; c) em Araguaína e Rio Formoso foram ambos, os fatores endógenos e exógenos, quem explicaram os dinamismos microrregionais; e, d) Miracema do Tocantins foi a única microrregião que não aproveitou seus diferenciais e a influência exógena e que obteve os menores valores relativos de crescimento do emprego formal, tendo sido a microrregião com menor dinamismo no Tocantins.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas primeiras décadas do século XXI o Estado do Tocantins tem apresentado mudanças na sua base produtiva, é e considerado também, uma das últimas fronteiras agrícolas do País. As atividades sociais e econômicas estão na fase de consolidação. Esta análise contribui no debate sobre as desigualdades regionais do crescimento econômico e as mudanças espaciais que estimula o fortalecimento ou arrefecimento dessas desigualdades. Assim, este artigo analisou as mudanças espaciais de suas atividades agrupadas por microrregiões, no período de 2000, 2008 e 2017. Para tanto foi utilizado a análise do *shift-share*.

De modo geral, nos períodos analisados todas as espacialidades apresentaram variações positivas na geração de emprego, tanto a Região Norte quanto o Tocantins as variações foram superiores ao do Brasil. A microrregião do Jalapão foi que apresentou maior crescimento percentual no emprego formal, enquanto o Porto Nacional se destacou na variação absoluta.

Cada microrregião apresentou características distintas nos setores produtivos. O Bico do Papagaio apresentou pequena reestruturação na base produtiva, mas a administração pública se manteve como principal setor, isto se verificou na maioria dos municípios do Tocantins, ou seja, o setor público se constitui o grande empregador do estado. No entanto, destacou-se os setores comerciais, ensino e agricultura que se beneficiaram de fatores exógenos. O setor da construção civil apresentou vantagens competitivas, ou seja, foi impulsionado por fatores endógenos.

Em Araguaína, o comércio varejista foi que mais empregou no período analisado, foi a única microrregião que não apresentou a administração pública como principal empregador. Isto reflete a dinâmica das atividades econômicas, visto que nessa região se encontra um parque agroindustrial (frigoríficos, laticínios) que faz o encadeamento para frente e para trás, localizada às margens da BR-153, é considerada a capital econômica do estado. A microrregião de Miracema do Tocantins, teve concentração no primeiro período analisado, devido a construção da Usina Hidrelétrica de Lajeado, 83% do emprego estavam no setor da construção civil, nesse caso o fator exógeno foi responsável por dinamizar toda a economia local, fazendo o transbordamento para outros setores, no período da construção a cidade empregou mais de 5.000 trabalhadores.

Na microrregião de Rio Formoso, os setores que apresentaram maior atração foram: administração pública, agricultura e o comércio varejista. O fator exógeno nessa microrregião foi a implantação do maior projeto de irrigação do estado, “Projeto Rio Formoso”, que tem

atraído produtores de soja, milho, arroz e outros produtos, movimentando assim, toda cadeia, de insumos, equipamentos agrícolas, serviços especializados, atraindo mão de obra especializada ou não para região. Já na microrregião de Porto Nacional, o destaque foi para o município de Pedro Afonso com a instalação de uma indústria química. No município de Porto Nacional, encontra-se instalado o parque agroindustrial e um pátio da Ferrovia Norte-Sul, com transporte de insumos, combustíveis e grãos. Já na microrregião de Dianópolis o extrativismo mineral é um setor favorável no crescimento da região, se encontra instaladas empresas de calcário, que abastece a região e parte do Oeste da Bahia para correção do solo, no plantio de soja e milho. No Jalapão, a característica dos municípios é a forte dependência do setor público.

Por fim, as microrregiões do Bico do Papagaio, Araguaína, Jalapão, Gurupi e Dianópolis, aproveitaram as influências exógenas, bem como suas especificidades de forma que ambos os componentes foram positivos. Em Araguaína e Rio Formoso foram os fatores endógenos e exógenos que explicaram os dinamismos regionais. A região de Miracema foi a única que apresentou baixo crescimento. Observou-se crescimento de alguns setores, como o comércio varejista e a agricultura na maioria das microrregiões que tiveram um desempenho maior que o do estado e, portanto, caracterizado como mais dinâmicos que os demais. De toda sorte, as microrregiões apresentam desafios aos formuladores de políticas públicas, aos gestores locais em termos de adequada concepção e implementação de estratégias potencializadoras de crescimento regional, que justifica, ainda, políticas de transferência de renda por parte do poder público federal, estadual para as microrregiões menos dinâmicas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, L.R. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. In: PIACENTI, C.A. & FERRERA DE LIMA, J. (Orgs.). **Análise regional: metodologias e indicadores** (pp. 33-49). Curitiba: Camões, 2012.

ANDRADE, M. C. **A questão do território no Brasil**. 2º edição. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAUDELLE, G. **Géographie du peuplement**. 2ª édition. Paris: Armand Colin, 2003.

FERRERA DE LIMA, J. Mudanças espaciais na economia regional do Paraná no século XX. In: XVIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 2019. Rio de Janeiro. **Anais....** Rio de Janeiro, 2019.

FERRERA DE LIMA, J. A concepção do espaço econômico polarizado. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande - RS, v. 4, n. 7 p. 7-14, set. 2003.

FURTADO, C. O processo histórico de desenvolvimento. In: PEREIRA L.C; REGO, J. (org.). **A grande esperança em Celso Furtado: Ensaio em homenagem aos seus 80 anos**. São Paulo: Editora 34, p. 253-280, 2001.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Populacional**, estimativa 2019. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso: mar. 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

NORTH, D. **Institutions, Institutional Change and Economic Performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

OLIVEIRA, G. B.; LIMA, J. E. S. Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. **Revista FAE**. Curitiba, PR. Vol. 6, n. 2, p.29-37, maio dez. 2003.

OLIVEIRA, N. M. **Desenvolvimento Regional do território do estado do Tocantins**. Palmas-TO: Universidade Federal do Tocantins/EDUFT, 2019.

OLIVEIRA, N.M. *et al.* Localização dos setores produtivos na Geoeconomia da Microrregião do Rio Formoso-TO. **COLÓQUIO Revista do Desenvolvimento Regional**, v.15, p.215-232, 2018.

OLIVEIRA, N. M.; PIFFER, M. Determinantes do Perfil Locacional das atividades produtivas no Estado do Tocantins. **Boletim de Geografia (UEM)**, v. 36, p. 92-111, 2018.

OLIVEIRA, N. M.; PIFFER, M. Conjuntura do desenvolvimento regional dos municípios do estado do Tocantins. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 6, n. 3, p. 32–61, 2016.

OLIVEIRA, N.M.; STRASSBURG, U.; CRESTANI, L.A. Conflitos agrários no Bico do Papagaio – Tocantins. **Revista IDEAS**, v.8, p.104-134, 2014.

PIACENTI, C. A. Indicadores de desenvolvimento endógeno. in: PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J.; PIFFER, M.; RIPPEL, R. **Análise Regional: metodologias e indicadores**. Curitiba, Paraná: Camões, p. 63-132. 2012.

PITILIN, G.R.; PIACENTI, S. C. V.; ALVES, L. R. O Paraná no século XXI: dinamismos e comportamentos locacionais. In.: SANTOS, F. (org.) **A Geografia no século XXI**. Vol.4. Belo Horizonte: Poisson, 2019.

RAIS - RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. **Acesso on line às bases estatísticas da RAIS**. Disponível em <<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>>. Acesso em: maio 2020.

RODRIGUES, C. P. B.; ALVES, L.R.; FERRERA DE LIMA, J.; PIFFER, M. Dinâmica Espacial da Estrutura Produtiva do Oeste Paranaense - 2000/2015. In: IV Seminário de Desenvolvimento Regional, Estado e Sociedade (SEDRES), 2018, Palmas - TO. **Anais...** 2018.

SOUZA, R.B.; OLIVEIRA, N.M. Desenvolvimento Humano na Microrregião de Araguaína – TO: uma análise do índice Firjan. **Revista de Geografia Acadêmica**, v.12, p.74-90, 2018.

SOUZA, S.A.; HASEGAWA, M. M. Desenvolvimento da Região Metropolitana de Curitiba no período de 2000 e 2010: uma análise pelo método *Shift-Share*. In: XVIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 2019. Rio de Janeiro. **Anais....** Rio de Janeiro, 2019.